

MUDANÇA  
DAS ESTRELLAS,

QUE NOS FELICISSIMOS DESPOSORIOS

DA SERENISSIMA INFANTA DE HESPAÑA

D. CARLOTA JOAQUINA  
DE BORBON

COM O SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL

D. JOÃO:

DA SERENISSIMA INFANTA DE PORTUGAL

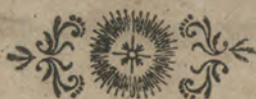
D. MARIANNA VICTORIA

COM O SERENISSIMO INFANTE DE HESPAÑA

D. GABRIEL ANTONIO  
DE BORBON,

DEDICA, E CONSAGRA

JOSEPH DANIEL RODRIGUES DA COSTA.



LISBOA

Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

---

M. DCC. LXXXV.

*Com licença da Real Meza Censoria*

De condição humana he não ver traves  
Em nossos próprios olhos, nos alheios  
Arestas leves nos parecem graves.

*Bernard. Cart. 10.*



L I S B O A  
Na Off. da Imp. de FRANCISCO LEAL ANTONIO

Em Lisboa, na Off. da Imp. de Francisco Leal Antonio



**N**AÕ de bronzes, ou mármore soberbos,  
 As antigas Eſtatuas;  
 Naõ inclytos Heroes,  
 Que tomáraõ com força, a mais diſtinta,  
 Tremolada Bandeira em ſangue tinta:

Naõ os Varões, que o Templo da Memoria  
 Conſerva com juſtiça,  
 Triunfos da alta Roma,  
 Que com Armas, e Leis, ſaber profundo,  
 Quando a ſi ſe regeo, regeo o Mundo:

Naõ aquelles, que foraõ deſtemidos,  
 Vagantes Palinuros,  
 Com as tumidas vélas,  
 Em curvo, e fraco lenho confiados,  
 \* Por mares nunca d'antes navegados:

Por eſtes naõ ſujeito a minha Muſa;  
 Sois Vós, Alta Senhora,  
 Porquem me ſacrificio;  
 Em Vós mais nobre aſſumpto o Ceo me ordena,  
 Seja, ou naõ inferior a minha penna.

Bem podia a Desgraça, que no berço  
 Jurou de não deixar-me,  
 Denegrida, Agoureira,  
 Com triste aspecto, com medonho rosto,  
 Perturbar os meus versos, e o meu gosto.

Porém não que ao ouvir o vosso Nome,  
 Baixa a doce Alegria  
 Nos braços da bonança,  
 Cresce a fortuna, o contratempo passa;  
 Que até vos tem respeito, a vil desgraça.

Naõ he a mão da industria, ou da lisonja,  
 Que minha lyra empunha;  
 A verdade me ensina;  
 Eu sou sincero, e quanto em Vós se admira,  
 He sómente o que canta a minha lyra.

Aquelles; que das Fabulas se valem  
 Para cantar louvores  
 Onde a verdade brilha;  
 Cobrem co' a arte a infeliz dureza;  
 Pervertem deste assumpto a natureza.



Eu podia tocar cousas taõ altas;  
 Hyperboles taõ fortes,  
 Que excedesse os limites;  
 De mim a adulação mui longe esteja,  
 Nada direi de Vós, que em Vós não veja.

O thuribulo grato do meu culto  
 Só pureza respira  
 Nas Aras do respeito;  
 Não solto ao ar incensos taõ subidos,  
 Que os meus Idolos deixem denegridos.

He o amor da Virtude quem me ajuda  
 A formar este quadro  
 Da sólida Virtude,  
 Comque nos tenros annos dais exemplo;  
 Que em Vós he que ella tem augusto Templo.

Sois hum benigno Astro, Astro innocente,  
 Que em Portugal denota  
 A perpetua fortuna;  
 Levantamos as mãos aos Ceós mil vezes,  
 Ditosos dos Vassallos Portuguezes!

Se em outra idade Portugal tem visto  
 Mil scenas horrorosas,  
 A' memoria se tragaõ;  
 Porque todos observem felizmente,  
 Quanto dista o passado do presente.

Eu conheço mui bem, que imagens tristes  
 Não devem avivar-se  
 Em tempos taõ felizes;  
 Mas as sombras são dadas á pintura;  
 Nasce a Aurora depois da noite escura.

No terror Sarraceno houve o principio,  
 Da doce liberdade;  
 Dom Affonso o Primeiro,  
 Armado de valor, brandindo a espada,  
 Foi quem deixou a Patria libertada.

Portugal nesse tempo se sentia  
 Por Barbaros regido,  
 Infaciaveis feras,  
 Corações infieis, sanguinolentos;  
 Sem leis, sem fé, sem puros sentimentos.



Quantas cousas depois lhe succederaõ ;  
 Que lastimosos tranfes  
 O meu peito consternaõ ;  
 Com taes lembranças já de dôr se parte,  
 Deixarei em silencio a maior parte.

Gemia Portugal em scenas tristes,  
 Nesses antigos tempos,  
 Intrigas, e Batalhas;  
 A tudo Portugal se vio constante,  
 Amante dos Reis, da Paz amante :

Por subterraneo impeto abalado  
 Portugal se intimida,  
 A terra se defune,  
 E aos miseros mortaes com força dura  
 Dá primeiro que a morte, a sepultura.

Os bens de cada hum desapparecem,  
 Soltaõ-se os Elementos,  
 Augmentaõ-se as ruinas,  
 E ficaõ as Campinas, e Cidades,  
 Theatro de fataes calamidades,

Vê-se Lisboa hum campo de batalha,  
 Desconhecem-se todos,  
 Ninguem o passo acerta,  
 Com os mortos os vivos abraçados,  
 Alli são entre chammãs devorados:

A ordem se alterou da Natureza,  
 Inviolaveis Decretos  
 De quem o mundo rege;  
 Que só quem o creou tem poder tanto,  
 Aquelle immenso Deos tres vezes Santo.

Mil promptas providencias nos são dadas  
 Por hum Rei incançavel,  
 Amante, pio, e justo;  
 Promulga sábias leis, e de mil partes  
 A Industria chama, chama as bellas Artes.

De Joseph levarei o grande Nome  
 ( A Fama nos dizia )  
 A's ultimas moradas;  
 Que á vista deste heroico braço, invicto,  
 Esquece Julio, Marco, esquece Tito.



Frias cinzas contente facudia  
 Portugal animado,  
 Quando a affiada foice  
 Cortou de hum golpe, golpe insoportavel,  
 O fio desta vida a mais amavel.

De novo em tristes sombras apparece  
 Nossa amante Rainha,  
 A Mãi dos Portuguezes;  
 E quando á nossa dôr, quer dar melhora,  
 Sem se poder conter, mil vezes chora.

Inconfolavel vê de longe a Crôa,  
 Por temer os futuros  
 A sua Patria busca;  
 Expõem, conforta, alcança, e diligente,  
 Vem alegrar a Lusitana gente.

A sua amante Filha a si chamando,  
 Lhe lembra, que a virtude  
 He a base de hum Throno,  
 E tanto em nosso bem ella trabalha,  
 Que he como o Sol, que a todos agasalha.

Manda fechar-lhe o circulo da vida,  
A mão que pode tudo ;  
Chegou a Executora,  
Que entra com passo igual pelas ufanas  
Salas dos Reis , e miseras Choupanas.

As tristes azas pállida batendo ,  
Tres vezes despregando ,  
Aos ares se abalança ,  
Leva na doce Mãi segura a preza ;  
E deixa os filhos na maior tristeza.

Do centro dos viventes arrancada ,  
Subio esta Alma pura ,  
Onde melhor descança ;  
Que quem por justas obras cá se empenha ,  
Manda o Senhor que o justo premio tenha.

Mas quem ha de enxugar lagrimas tantas ?  
Quem ha de a tantos sustos  
Reparar os estragos ?  
Quem se ha de oppor á roda da Desgraça ?  
Quem ha que tanto possa , e tanto faça ?



He a nossa Sobrana , de quem somos  
 Efficazes Vassallos ,  
 E apar do justo Esposo ,  
 Revoaõ sobre as azas da Alegria ;  
 Os dois Nomes , de Pedro , e de Maria.

A Prudencia , a Piedade , a Fortaleza ,  
 O espirito elevado ,  
 Tudo saõ dons celestes ,  
 Que tecendo-lhe estaõ immortaes louros ,  
 Uteis para os presentes , e vindouros.

Naõ só de Lysia nos erguidos montes ,  
 Seu Nome amavel soa ,  
 Todo o Orbe o respeita ,  
 E corre escrito em sonoras rimas ,  
 Remotas Regiões , remotos Climas.

Este o passado tempo , este o presente ,  
 Respeitavel Infanta ,  
 Em que o meu rude verso ,  
 Como eu desejo naõ , mas como posso ,  
 Mostra a differença deste estado nosso.

Mas

Mas se á justa Rainha nós devemos  
 Hum prudente governo,  
 Toda a nossa ventura,  
 Nesta posse feliz, que em Vós obtive,  
 Muito mais Portugal inda lhe deve.

O vosso coração candido, e puro,  
 Pelo Ceo nos foi dado;  
 Dos funestos acasos  
 Com as mãos o segura a Eternidade,  
 No refulgente throno da Verdade:

Onde não chega a mão do tempo ingrato,  
 Vosso nome se grave;  
 Póde a ordem dos annos  
 Mudar á terra a face, ao mar o leito,  
 Mas ha de ao vosso Nome ter respeito:

Em altos Hymnos, vozes sonorosas,  
 Louvores se vos cantem  
 Por onde raia o dia;  
 E fique a vossa Effigie esclarecida  
 Nos corações honrados esculpida.



Do Mundo as quatro Partes se gloriaõ  
 Neste vosso Conforcio,  
 Vosso genio conhecem,  
 Esperaõ de Vós inclytas façanhas,  
 As gentes proprias, as Nações estranhas.

Vamos ao grande Templo dos Destinos:  
 Eu vejo já Cupido  
 Sem disfarçada venda;  
 Eu vejo a Santa Paz, que tem aos lados  
 Os quatro Corações entrelaçados:

Duas Crôas nas mãos lhe estaõ pendentes  
 De viçosa oliveira,  
 E com sereno rosto  
 Nos indica nas duas, qual mais bella,  
 A paz de Portugal, e de Castella.

O Sagrado Hymenêo accende a faxa,  
 E faz solemnes votos,  
 Na incendiada Pyra,  
 O conjugal amor, que as almas ata,  
 Com vinculo, que a morte só desfata.

A Inveja, e Discordia, ávidas feras,  
 Prezas no Estygio lago  
 Ficaõ juntas co'a guerra,  
 E em horridas cavernas submergidas,  
 Pelos fracos mortaes não são temidas.

A vil intriga, os damnos venenosos,  
 O Mundo em paz nos deixaõ;  
 E depois de viverem  
 Pelas desertas praias desterrados,  
 No centro dos Abyfmos são lançados.

Portugal, Portugal, que tem sentido  
 Os mais funestos córtes,  
 He justo, que levante  
 Os tristes olhos, olhos desgraçados,  
 De magoas cheios, de chorar cançados.

Veja bem quanto pode a boa escolha,  
 Mude huma vez de estado,  
 Solte os alegres vivas,  
 Quando assim vê mover duas Estrellas  
 \* Que se envergonha o Sol de inveja dellas.



O mesmo patrio Tejo, que empolado  
 Disputa do Oceano  
 A pressurosa entrada,  
 Aos mares mais distantes corra, e leve,  
 A immortal fama, que a esta acção se deve.

Aureas Idades, Seculos ditosos,  
 Não nos metteis inveja;  
 Tambem temos fortunas;  
 Pois se soffremos a tormenta toda,  
 Já em nosso favor voltou a roda:

Povos do Luso, Povos venturosos,  
 Banhados de alegria  
 Guardai este Thefouro,  
 Pois vem ser esta Infanta hoje em Lisboa  
 Joia immortal da Lusitana Crôa. \*

**A**S palavras Destinos, e outras, bem se deixa ver  
 que são para ornato da minha composição, pois  
 sou Catholico filho da Santa Madre Igreja.

O melmo patria Tejo, que empolado  
 Dispara do Oceano  
 A prelluzola entrada,  
 Aos mares mais distantes corra, e leve,  
 A immortal fama, que a ella soco se deve.

Auracaladas, Seculos ditos,  
 Naõ nos mettes inveja;  
 Tambem temos torques  
 Pois se soffemos a tormenta toda,  
 Ja em nosso favor voltou a toda.

Povo do Lulo, Povo venturoso,  
 Banhaõ de alegria  
 Guarda este Theouro  
 Pois vem ter ella furtiva hoiz em Lisboa  
 Joia immortal da Lusitana Oza.

**A** 2 palavras Portuguezas, e outras, bem se deõ ver  
 que taõ para o estado da minha companhia, pois  
 sou Catholico Filho da Santa Madre Igreja.